



HS-120 - Tópicos Especiais em Antropologia II - Turma C

HS873 - Tópicos Avançados em Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber I - Turma M –

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Manhãs de Quarta-feira

Título-tema do curso: *Narrativas biográficas e narrativas etnográficas: drama e estrutura da experiência?*

...Elas (biografia e autobiografia) não são fatos, mas memórias, e memórias distorcidas pelos desejos e pensamento do momento. Os interesses do presente determinam a seleção dos dados e colorem a interpretação do passado (Boas, 1943:334)

...Em resumo, os embustes que a memória nos coloca são bastante importantes para nos permitir aceitar autobiografias como dados factuais, dignos de confiança (Boas, 1943:335)

Le récit qu'il nous a donné possède une valeur psychologique et romanesque qui se suffit. A l'ethnologue, il apporte une moisson de renseignements sur une société pourtant connue. Mais surtout, le récit de Talayesva réussit d'emblée, avec une aisance et une grâce incomparables, ce que l'ethnologue revê, sa vie durant, d'obtenir et qu'il ne parvient jamais à réaliser complètement: la restitution d'une culture 'par le dedans' et telle que la vivent l'enfant, puis l'adulte. Um peu comme si, archéologues du présent, nous exhumions, disjointes, les perles d'un collier; et qu'il sous soit donné, soudain, de les apercevoir, enfilées selon leur disposition primitive, et souplement agencées autour du jeune cou qu'elles furent d'abord destinées à orner" (Lévi-Strauss, C.: Préface, in Talayesa, Don C: Soleil hopi, Plon, 1982. A primeira tradução francesa foi em 1959)

I. Apresentação

Argumentando sobre a relação entre a eficácia da magia e a crença na magia, Lévi-Strauss¹ sugere um intrincado campo gravitacional entre o feiticeiro, as suas técnicas, o paciente, e um contexto (grupo social e sistema de crenças, no qual fazem parte o feiticeiro,

¹ O Feiticeiro e sua magia, Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, RJ, p.194-213.

as suas técnicas, o paciente, o público, a crença, e o sistema crítico de verificação das provas da feitiçaria). Para expor o seu argumento, Lévi-Strauss tece uma narrativa (cujo início é canônico, *Era o mês de setembro de 1938*) na qual, situando o acontecimento no tempo, conta a história de Quesalid. A sua trajetória entre os xamãs, seus deslocamentos e vacilações, o crescimento de sua reputação e o seu triunfo. Na narrativa, Lévi-Strauss chama este feiticeiro pelo nome, em seguida desloca-se para o complexo xamanístico (da estrutura triádica – o xamã, o doente e o público – à sua redução diádica, a experiência íntima do xamã e o coletivo). Até que se refere à Quesalid para remeter a feiticeiro e ao sistema que o torna possível: *Proclamam-no feiticeiro; pois, se existem ele poderia sê-lo*².

A relação entre narrativa e temporalidade pode ser estendida. Em um artigo sobre o canto (música sem palavras) e a reza (palavras sem som) em Santo Agostinho, *Lorenzo Mammì*, refere-se a quando Santo Agostinho chora a morte da mãe, choro que evitara até aquele momento narrado nas Confissões. Conforme Mammì, esse episódio é uma chave na estrutura das *Confissões*:

*É com ele, em prática, que a autobiografia se interrompe: os livros seguintes serão de caráter especulativo e teológico. Mas o canto silencioso do hino não é apenas um divisor de águas. Ele parece conter a razão seminal da obra inteira: é o momento em que Agostinho descobre que não pode escapar do tempo por um esforço de abstração racional, como pregava a filosofia antiga, e que, portanto a única profissão de fé possível é uma narrativa do próprio estar no tempo – uma confissão, uma autobiografia*³

Narrativa autobiográfica como narrativa de estar no tempo, que é o que parece dizer o autor, provoca, provoca em mim, a evocação de Ricoeur e de Le Goff. Deste último, quando diz em seu livro sobre São Luis que reencontrara na investigação biográfica uma das preocupações essenciais do historiador, a do tempo⁴; de Ricoeur, com a sua fórmula “acontecer **no tempo**” que conjuga narrativa e temporalidade (temporalidade aqui não redutível à representação do tempo ou à ilusão da seqüência).

Neste primeiro eixo, a referência à narrativa permite deslocar a discussão sobre o biográfico daquela discussão sobre indivíduo e sociedade, estrutura e ação. Para sugerir

² P.201, O Feiticeiro e sua magia, opus cit.

³ *ESTUDOS AVANÇADOS* 14 (38), 2000, p.359

⁴ Le Goff, J: São Luís, Record, RJ-SP: 2002, p.27.

recuperá-la na relação com a etnografia (indagando, por exemplo, se o biográfico não estaria para a etnografia em uma relação homóloga à da etnografia para a antropologia. Não como descrição de particulares, mas como experiência social no tempo).

Se considerarmos então a etnografia e a biografia do ponto de vista da narratividade, são as narrativas que enredam temporalidade e diferença, lembrança e esquecimento, relatos heterogêneos sobre o social e o humano e interpretações que problematizam categorias de totalidade a priori (sociedade, cultura, comunidade, etc) e de identidades.

O nexos entre narrativa biográfica e narrativa etnográfica então estaria no que são (ou podem ser) registros de alteridade (pode parecer paradoxal referir-se a biografia como alteridade, mas este é outro tema a ser discutido no curso). Registros de alteridade quando se fundamentam na atitude antropológica levam em conta os agentes em seus campos semânticos próprios (visão interna do social). Se assim for o nexos entre etnografia e biografia estaria na abertura para a expressão das inflexões, dos limites de um modo de ser e das limitações de um modo de pensar.

Como enfrentar então o que diz Boas na epígrafe? Boas, fala em fatos e os contrapõe à biografia e autobiografias, que se alimentariam de memória. Como muitas biografias são factuais o que a frase de Boas instiga é a pergunta sobre as outras razões da ambivalência resistência da antropologia à perspectiva biográfica.

Nesta discussão há uma noção necessariamente presente, Refiro-me à noção de experiência que, conforme Jason Throop é um conceito chave para a antropologia, mas não examinado devidamente neste campo de conhecimento. Ou seja, poderíamos completar, experiência é uma noção usada amplamente, embora não tenha na antropologia o mesmo estatuto de conceitos como sociedade, indivíduo, cultura, pessoa.

São muitas as críticas ao uso da noção de experiência (“the rhetoric of experience”) e que se referem a que o seu uso seria uma adesão ingênua aos supostos de ‘visibilidade’, “transparência”, ‘individualidade’, ‘autenticidade’, isto, que seria pré-discursiva, pré-narrativa, pré-conceitual; também, há críticas ao vínculo da noção de experiência com subjetividade e consciência individual e em decorrência desta perspectiva não se daria importância que precisaria às estruturas e processos (sócio-econômicos, históricos, lingüísticos, etc.), das quais a experiência seria mais uma resultante.

Esta discussão é evidentemente marcada por distintos pressupostos teóricos. E, como bem sugere Troop⁵, pelos escorregadios sentidos do termo e de seu uso.

Em Lévi-Bruhl, a noção de experiência estende a alteridade, ampliando como real o que uma conceituação estreita de racionalidade desprezaria como não real. Não se confundido com o imediatamente observado e vivido, experiência, como bem desenvolveu Turner posteriormente, se revelaria como “estrutura” (conectando momentos distintos, como: percepções, evocação do passado, associação de eventos e sentimentos vividos, a emergência de significações e valores) em sua expressão (expression of experience) A expressão da experiência seria para Turner a unidade estrutural da experiência (structured unit of experience’, Turner, 1982: 15), o que não é o mesmo que “experiência”. A experiência ao se expressar narrativamente conectaria eventos e afecções e lhes daria significações e valores. Por isto, as narrativas biográficas seriam equivalentes às narrativas etnográficas (na maioria das vezes, entretanto, são consideradas como documentos etnográficos).

De certa maneira, Turner oferece uma solução para a crítica de Joan Scott, sem que seja preciso descartar a noção de experiência.

É para este campo de discussões o convite deste curso.

Tendo em vista as questões acima mencionadas e outras decorrentes e interligadas, este curso pretende se desenvolver como um grupo de leituras, de pesquisas, de reflexões e escrita, que designo aqui como um “atelier de pesquisa e escrita antropológica”. Ou, isto deveria se traduzir como um “atelier de etnografia?

Esta é a indagação chave deste curso.

CALENDÁRIO

Agosto:	11	18	25		
Setembro:	01	08	15	22	29
Outubro:	06	13	20	27	
Novembro	03	10	17	24	

⁵ P.221,opus cit; página 4 na edição online;

11 DE AGOSTO: APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA E AULA EXPOSITIVA.

SITUANDO CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS.

AGOSTO E PARTE DE SETEMBRO: LEITURA E DISCUSSÃO DE TEXTOS SOBRE NARRATIVAS

BIOGRÁFICAS, EXPERIÊNCIA E ETNOGRAFIA. DISCUSSÃO DO CONCEITO DE DRAMA E ESTRUTURA DE EXPERIÊNCIA, CONFORME TURNER.

PARTE DE SETEMBRO, OUTUBRO E PARTE DE NOVEMBRO: LEITURA E ANÁLISE DE NARRATIVAS ETNOGRÁFICAS E De NARRATIVAS BIOGRÁFICAS.

NOVEMBRO: CONTRAPONTO.

Leituras:

1. Sobre Narrativas e Etnografia

ROLDÁN, Arturo Álvarez: Writing ethnography. Malinowski's fieldnotes on Baloma, *Social Anthropology* (2002), 10, 3, 377–393. 2002 European Association of Social Anthropologists, UK

STRATHERN, M.(1999).: The Ethnographic Effect I (1- 26) The Ethnographic Effect II (229-261), em STRATHERN, M.: Property, Substance and Effect, The Athlone Press, The Athlone, London&New Brunswick, NJ.

George e. MARCUS and Judith OKELY: *Debate Section: (GEORGE E. MARCUS) 'How short can fieldwork be?'* *Social Anthropology/Anthropologie Sociale* (2007) 15, 3, 353–367. 2007 European Association of Social Anthropologists

THROOP, C. Jason: Minding experience: an exploration of the concept of “experience” in the early french anthropology of Durkheim, Lévy-Bruhl, and Lévi-Strauss, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 39(4), 365–382 Fall 2003 (Published online in Wiley Interscience www.interscience.wiley.com)

ROSALDO, Renato: Culture & truth: the remaking of social analysis, Routledge

SMITH, Barbara Herrnstein Narrative Versions, Narrative Theories *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 213-236. The University of Chicago Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1343185>

GEORGAKOPOULOU, Alexandra: The other side of the story:towards a narrative analysis of narratives-in-interaction, *Discourse Studies*, 2006, Vol 8(2): 235–257, SAGE Publications.(London, Thousand Oaks,CA and New Delhi), www.sagepublications.com

GOODMAN, Nelson: Twisted Tales; Or, Story, Study, and Symphony Author(s): Source: *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 103-119 Published by: The University of Chicago Press, <http://www.jstor.org/stable/1343178>

2. Drama Social e Narrativas: estrutura da experiência

TURNER, Victor: Social Dramas and Stories about Them, *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 141-168. The University of Chicago Press Stable URL:

<http://www.jstor.org/stable/1343180>

3. Discussão dos textos produzidos pelos alunos sobre a discussão de Turner.

4. Testando a eficácia do conceito de Turner, na discussão com os textos anteriores e os que serão lidos em seguida.

ANGROSINO, Michael V. The Use of Autobiography as "Life History: The Case of Albert Gomes.

Ethos, Vol. 4, No. 2 (Summer, 1976), pp. 133-154, Blackwell on behalf of the American

Anthropological Association <http://www.jstor.org/stable>

OLIVEIRA, Pedro Paulo: ILLUSIO: Aquém e além de Bourdieu, *MANA* 11(2):529-543, 2005

BOURDIEU, P. (1986): L'illusion biographique, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62\63, 69-72, juîn, 2001.

YVES CLOT « L'autre illusion biographique », *Enquête, Biographie et cycle de vie*, 1989, mis en ligne le 30 décembre 2005. URL: <http://enquete.revues.org/document99.html>

TITON , Jeff Todd: The Life Story, *Journal of American Folclore Society*, vol.93, número 369, July-September, 1980, 293-304

Kluckhohn, Clyde : A Navaho Personal Document with a Brief Paretian Analysis: *Southwestern Journal of Anthropology*, Vol. 1, No. 2 (Summer, 1945), pp. 260-283 Published by: University of New Mexico
Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3628762>

PEACOCK, James L. & Source, Dorothy C. Holland: The Narrated Self: Life Stories in Process ,*Ethos*, Vol. 21, No. 4, (Dec., 1993), pp. 367-383

BENDANA, K.&BOISSEVAIN,K.&CAVALLO,D.:Biographies et récits de vie: demarches croisées et histoires multiples. Introduction., in *Alfa.Maghreb et sciences sociales*, 2005, Institut de recherché sur le Maghreb contemporain, Tunis, p.11-20

5. Leitura de Etnografia e de Biografia.

Sugestões (outras serão apresentadas durante o curso)

CRAPANZANO, V. 1980: Tuhami. Portrait of a Morocann, The University of Chicago Press.

GEWERTZ, D.&BERRINTON, F.: *Twisted histories, altered contextes*. Cambridge University Press, Cambridge, 1991.

Ou,

PRICE, Richard: *Travels with Tooy*, The University of Chicago press, Chicago&London, 2008.

DAS, Veena: *Life and Words*, University of California Press, 2007

Ou ainda:

FINNEGAN, R.: *The Oral and Beyond*, The University of Chicago Press, 2007

APPADURAI, A. (ed.)(1986): *The Social life of things*, Cambridge University Press, 1997 (sexta edição).